

## TRÍPTICO INTERPESSOAL

Fernando J. B. Martinho

### I

#### Arquétipos Americanos na Casa Inglesa

Leio Whitman, tento  
opôr-lhe a medida  
de Poe. Cobra alento  
na mesa ao lado, referida  
em Mário ou em Pessoa,  
o viajante na meticulosidade  
das facturas. Se algo destoa,  
é apenas isto ser o que há-de  
ser numa Casa dita Inglesa,  
quicá para americano ver  
ou a musa entrar, com presteza  
de gaivota que decida per-  
noitar em cais de detritos.  
Leio Whitman com a mente  
em Nogueira, criador de mitos  
e semáforos — metaforicamente.  
20/7/81





## II

### Pessoa com Pavia na Recta Final

Invento do silêncio a negação.  
Afirmo o que posso. Ou o que devo?  
Navego por Pessoa, a mão  
no vento. Ou nas folhas do trevo

inventado sobre as ondas? Interrogo  
por página interposta, sublimada.  
Subo a tarde, já esmoreço. E vogo  
até onde posso. Ou mais nada

haja que o azul do vento.  
Entra Campos pela porta do fundo  
do café, gasta imagem do mundo.

Pede água sem gás. Sedento  
do que a nós nos dói, sem pensamento?  
Ou rasgando a saída pelo fundo?  
23/7/81

## III

### Peso Repartido

“Ela tem como que o peso  
do mundo em cima dos ombros”

Arpad Szenes sobre Vieira da Silva

E no entanto flutua, preso  
o silêncio à leveza das mãos  
inquiridoras de esfinges, labirintos.  
**Vagamente gato, demora-se em absintos  
e pacatas boémias de ginginha, Pessoa  
no chão macio do atelier.**  
**Leva o peso deste e dos mundos por haver  
no pêlo bem tratado de afagos  
e silêncios de mansarda.**  
**Aguarda a hora que tarda,  
traduzido em gato de luxo, vagos  
vagares de inquirição semita.**  
A pintura é a poesia que não há.  
Por isso, enquanto medita  
e, ausente, esquece o olhar  
no pêlo de Pessoa, da Silva  
pode falar de ménage à trois.  
25/7/81

\* Os textos que constituem “Triptico Interpessoal” foram escritos em Portimão, na 2.<sup>a</sup> quinzena de Julho de 1981, tomando como ponto de partida Pessoa, lido e relido com vista a um trabalho que preparava sobre “Fernando Pessoa e a Poesia Portuguesa do Século XX”. Dois deles, o primeiro e o segundo, fi-los na *Casa Inglesa*, café onde, com doces vagares de vilegiatura, ia folheando os dois volumes do Pessoa da Aguilar, ou lia uma antologia de Whitman. O terceiro nasceu num pequeno e incaracterístico café de que já não recordo o nome, de uma frase de Arpad Szenes que Maria João Avilez punha em destaque na entrevista “Vieira da Silva: a Pintura e a Vida” publicada no *Expresso*, de 25 de Julho de 1981. O *dístico* sugerido era demasiado óbvio para que não pusesse em movimento um poema — em que Pessoa, obsessivamente presente nas minhas preocupações de então, poderia, por exemplo, ser *traduzido* em gato e entrar no “ménage à trois” de que Vieira da Silva falava com *sage* e branda malícia na conversa com M.<sup>a</sup> João Avilez.

Os arquétipos do 1.<sup>o</sup> texto são, naturalmente, Whitman e Poe, *visitas* íntimas de Pessoa, como se sabe, e modelos das duas grandes tendências em que poderia dividir-se, se tal fosse de alguma utilidade, a poesia norte-americana. O viajante não foi inventado; perto de mim, punha, de facto, a escrita dele em dia, enquanto eu desarrumava, disciplinadamente, a minha. A corrida a que alude o segundo poema (publicado entretanto no “Diário de Lisboa” e recuperado aqui para o lugar que é o seu no meio dos outros dois), é, no terceiro final, entre Pessoa e Pavia, Cristovam, que, no termo dos seus *35 Poemas*, havia de legar-nos a mais amarga das mensagens que a alguém pode deixar-se: “Só há saída pelo fundo”.